

A INSERÇÃO DA MULHER NA ARTE MARCIAL

Autor: Simone Cassoli Ferraz Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH-USP, São Paulo, São Paulo, Brasil e-mail: simone.ferraz@usp.br **Introdução:** A sociedade atinge homens e mulheres mesmo que de maneiras diferentes. As mulheres são oprimidas, os homens têm de demonstrar e provar sua “masculinidade”. Os esportes de luta são exemplos. Tanto a busca pela masculinização quanto a feminilização do corpo são tarefas intermináveis que demandam tempo e esforço. Considerando o Kung-Fu uma prática masculina seria um desafio para a mulher fazer parte desta, pois se afastaria do estereótipo feminino. Como esse esporte envolve elementos como: golpes, armas e movimentos bruscos. Características rotuladas como masculinas, as mulheres praticantes são vítimas de preconceito decorrentes de dúvidas quanto a sua feminilidade e até mesmo desfigurando sua imagem feminina. **Objetivo:** Identificar se a presença de uma mulher como professora nas aulas de Kung Fu atrairá maior público feminino ou masculino. **Metodologia:** O projeto foi aplicado no Tatame no espaço laranja do Centro de Práticas de Atividade Física-CEPAF, as aulas foram realizadas as terças e quintas das 18:30h às 19:30h. Participaram 16 alunos, 8 mulheres e 8 homens. O critério de seleção foi baseado na ordem de inscrição no qual os 20 primeiro inscritos foram contemplados com a vaga. Foi aplicado um questionário sobre gênero (Likert Scale) após uma semana de início e um segundo questionário foi aplicado no final da intervenção das aulas. **Resultados:** A turma ficou homogênea, de modo que metade dos alunos são homens e outra metade são mulheres. Este é um dado curioso, uma vez que nas academias de artes marciais a maioria dos alunos são homens. As respostas do primeiro questionário mostraram que os alunos não foram influenciados quanto ao profissional que ministra as aulas. A maioria respondeu que a mulher não perde sua feminilidade tanto no âmbito de executar as aulas quanto no de ministrar aulas. No entanto, um questionário revelou que a mulher perde sim sua feminilidade, na prática: a timidez, a vaidade e a sensibilidade são minimizadas. No segundo questionário todos os alunos responderam que uma mulher dando aulas de Kung Fu não interfere em suas escolhas, assim como, não perde sua feminilidade tanto no âmbito do treino quanto no de dar aulas de artes marciais. É notória a mudança da sociedade quanto a inserção das mulheres no âmbito esportivo. Uma profissional do sexo feminino influencia de forma indireta a prática do Kung Fu, visto a homogeneidade da turma. **Conclusão:** O Kung Fu é considerado uma prática relativamente masculina, sendo um desafio para a mulher fazer parte dela, pelo simples fato de fugir do padrão de feminilidade. Podemos concluir que a aplicação das aulas de Kung Fu, além de proporcionar benefícios à comunidade da EACH, pode atuar como um instrumento de compreensão do processo de construção social que impõem à idéia de gênero.

Palavras chaves: Kung Fu, Gênero, Feminilidade.